Ivan Illich 2018). *Para uma História das Necessidades*. (J. C. C. Marques, Ed.). Águas Santas: Edições Sempre-em-pé.

As sociedades, conduzidas pelos usos das tecnologias e pelas prescrições que delas se façam, profissionalmente ou por paixão ou vício, constroem necessidades que podem ser contraproducentes no aspecto de criar condições para a sua não satisfação. A impossibilidade da satisfação das necessidades pode decorrer do facto delas serem falsas necessidades – medicamentos placebo, por exemplo – ou de as necessidades serem viciosas – ao satisfazê-las uma vez, um dos efeitos que têm é criar uma necessidade cada vez mais persistente e incapacitante, como o uso do automóvel que transformou as cidades em metrópoles.

O espírito consumista é viciado: cria mais problemas do que é capaz de resolver, ao mesmo tempo que incapacita as pessoas e os seus cuidadores de resolverem problemas práticos fora dos mercados e fora dos controlos profissionais estatais. Cria, por exemplo, a desigualdade relativa, promove a inveja e a auto-culpabilização mais ou menos consciente, através da escola ou dos transportes, por exemplo.

O estado social, ao promover a educação, a saúde ou a urbanização motorizada, entrega a corporações profissionais e industriais a criação de necessidades infinitas, que por definição não se podem satisfazer, destruindo a convivialidade, a inteligência colectiva, as aquisições culturais de liberdade e gratuitidade e relações saudáveis com a vida-morte. Criando as disparidades entre os classes-países desenvolvidos através da diferenciação das tecnologias que uns têm acesso na condição de os outros não o poderem ter – por limites de investimento ou ecológicos que tornam impossível a satisfação da necessidade correspondente para todos de forma equivalente, como o acesso ao conhecimento, aos cuidados de saúde, à mobilidade.

Os profissionais do social servem o estado neste seu desiderato de justificar as desigualdades sociais estruturantes através do amesquinhamento sistemático das suas vítimas através da imposição da educação incapacitante, isto é, à sujeição à incapacidade das ciências sociais denunciarem os limites de aceleração que se tornam viciantes e contraproducentes, na escola, na saúde, da urbanização motorizada: a escolarização, o tabu da morte, a solidão urbana.

Illich refere – nos anos 60/70 – um consenso sobre as dificuldades sociais causadas pela educação, tal como Wacquant se refere ao consenso proibicionista das prisões, como um estado de espírito que veio a ser ultrapassado nos anos 80.

39: oposição: entre 1957 e 1977 “cerca de cinquenta línguas morrem em cada ano”. Há uma “progressiva substituição de valores úteis mas não comercializáveis por bens e serviços industriais”. “A oposição política (…) limita-se a mascarar um desprezo igualmente rude da dignidade e da liberdade pessoais (…).” O crescimento ou a política energética são bons exemplos da profunda identidade de visões do mundo entre capitalistas e socialistas.

29: 46: trabalhadores sociais 47-8: 54: 59: 70: 135: profissionais radicais (críticos)

29: “É precisamente porque essa nova impotência é tão profundamente vivida, só dificilmente se exprime”

46: os governos já concluíram “que o custo dos controlos sociais necessários para pôr em execução a austeridade [reduzindo a dependência das mercadorias dos mais pobres] numa sociedade ecologicamente viável mas ainda centrada na industria seria intolerável.”

A alternativa é a austeridade convivial, igualitária, com imposição de limites sobre a capacidade máxima de uso do poder instrumental, de modo a proteger o valor de uso contra o enriquecimento incapacitante

47: “o século XX é a Idade das Profissões Incapacitantes.” (…) “quer a empolada vaidade das nossas elites académicas quer a credulidade gananciosa das suas vítimas” (…) há que ir além da redistribuição por peritos de mercadorias supérfluas, irracionais e paralisantes, marca distintiva do Profissionalismo Radical, esse saber convencional dos atuais bons da fita.”

47-8: “apenas aquelas iniciativas cidadãs e tecnologias radicais que desafiam diretamente o domínio insinuante das profissões incapacitantes abrem caminho à liberdade de acesso à competência não hierárquica e baseada na comunidade.”

54: “o poder profissional [face ao de outras ocupações] jorra de uma fonte diferente. (…) [É] como um sacerdócio, detém poder por concessão de uma elite cujos interesses suporta.”

56: captura profissional dos clientes, mesmo se o paciente morre da cura.

“A linguagem em que se vê a si mesmo, a sua perceção de direitos e liberdades, e a sua consciência de necessidades [socio-norma-bio], tudo isso deriva da hegemonia profissional.

57: “novas profissões incapacitantes reivindicam-se como os administradores exclusivos do bem público (…) novo clero (…) sustentado pelo Estado (…) criando a necessidade para a sua mediação (…) põe fora da lei o não ortodoxo (…) A nova profissão cria uma nova hierarquia, novos clientes e novos párias, e uma nova carga para o orçamento. (…) invadiu o domínio da legislação”. economia + hierarquia

59: “O esbulho das palavras, a deterioração da linguagem comum e a sua degradação em terminologia burocrática (…) Quando aprendi a falar, os ´problemas´ apenas existiam na matemática ou no xadrez; as ´soluções´ eram ou salinas ou legais, e o conceito de ´necessidade´ era usado sobretudo por meio do verbo ´necessitar´. Tanto a expressão ´tenho um problema´ como ´tenho uma necessidade´ soavam como tolas. Quando passei os dez anos e Hitler trabalhava em ´soluções´, também se generalizou o ´problema social´. (…) os assistentes sociais aprenderam a dar nome à sua presa e a padronizar as suas ´necessidades´. (…) Os pobres tornaram-se ´necessitados´”.

70: “(…) os jovens turcos das profissões (…) justificam a sua vassalagem institucional apresentando-se a eles mesmos como os ministros publicamente investidos do progresso tecnológico que deve ser domesticado. (…) A investigação científica é pesadamente financiada, mas apenas quando pode ser aplicada para usos militares ou para maior dominação profissional”.

135: “uma dada tecnologia incorpora os valores da sociedade para que foi inventada, chegando ao ponto desses valores se tornarem dominantes em qualquer sociedade que venha a aplica-la. (…) esta tese corrói a legitimidade daqueles profissionais que monopolizam a operacionalidade de tais tecnologias. (…) [Ao aceitarem] os padrões profissionais, tem sido essencialmente sob a influência de tais profissionais ´radicais´ que esta tese tem vindo a (…) transformar-se de uma simples curiosidade numa heresia (…)”.